

A. G. MOORE

PAI

DE UM MILAGRE



A. G. MOORE

PAI DE UM MILAGRE

coleção AMORES SAGRADOS • 3

Copyright 2020 © A G Moore

Autora: A G Moore

Revisão: A.G. Moore

Diagramação: Juju Figueiredo

Capa: Will Nascimento.

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Dedicatória](#)

[Sinopse](#)

[Nota da autora](#)

[Epígrafe](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras Obras](#)



Aos meus filhos. Vocês são os maiores presentes de Deus na minha vida.



Antes eu era só um jovem comum.

De repente, me tornei PAI.

Quando Mariana veio me dar a notícia, eu não quis acreditar. Estávamos há algumas semanas separados, nosso noivado tinha sido rompido e, do nada, nos tornaríamos pais de uma criança.

Meu coração estava reticente devido a tudo que eu soube, mas não pude deixá-la.

Reacender o amor que sentia por ela e descobrir a paternidade foi um trajeto longo, tanto quanto nosso percurso de São Paulo até nossa cidade natal, o Rio de Janeiro.

Decidimos ter nosso filho onde nascemos, e depois que eu senti que sim, aquela criança foi uma dádiva de Deus nas nossas vidas, eu me tornei seu Pai.

O que jamais poderia imaginar, era que seria pai da criança mais especial do mundo.

“Uma inspiração da história de José e Maria, pais do menino Jesus: O salvador”



Esse conto é uma inspiração.

Não leve ao pé da letra, como a revelação da real história bíblica, porque não o é.

Essa história foi inspirada, para encher seu coração de amor e esperança.

Estamos vivendo tempos tão cruéis, não concorda?

Crer que tudo no final tem um propósito maior, nos ajuda a seguir adiante com fé.

Foi o que Joseph fez, ao descobrir que sua ex—noiva Mariana estava grávida de um filho seu.

E esse livro é narrado por ele.

Espero que goste.



Foi assim o nascimento de Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José, mas, antes que se unissem, achou-se grávida pelo Espírito Santo.

Por ser José, seu marido, um homem justo, e não querendo expô-la à desonra pública, pretendia anular o casamento secretamente.

Mas, depois de ter pensado nisso, apareceu-lhe um anjo do Senhor em sonho e disse: "José, filho de Davi, não tema receber Maria como sua esposa, pois o que nela foi gerado procede do Espírito Santo.

Ela dará à luz um filho, e você deverá dar-lhe o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados".

Mateus 1.18-21



— Como assim GRÁVIDA?

Mari estava adiante de mim, com os olhos repletos de água, ofegante e vermelha. Jamais imaginaria vê-la assim, depois do nosso término.

Nosso relacionamento durou três anos. Eu a amei com toda a minha alma. Mas Mariana decidiu pedir um tempo. Estava confusa, queria realizar alguns sonhos pessoais antes de pensar em casamento.

Também, o louco apaixonado aqui a fez praticamente engolir uma aliança de ouro cravejada em diamantes em seu último aniversário, a fazendo prometer que se casaria dentro de um ano.

Pois é. Eu não queria esperar mais.

Tinha consolidado minha empresa de marcenaria, agora fazia móveis comerciais para diversas lojas de empresas importantes pela cidade e pelo Brasil afora. Podia investir pesado na nossa relação.

Mas ela, com seu pensamento independente – que admiro, preciso ressaltar –, desejou pedir um tempo para ver se era aquilo que tinha sonhado para si.

Então as semanas foram passando, e o amor esfriando. Não era como

se eu não a amasse. Não se deixa de amar alguém assim, do nada. Mas o meu coração entrou num piloto automático, sabe? Eu queria, mas não queria arriscar me magoar.

Então em plena segunda chuvosa, lá estava ela.

E detalhe: Grávida.

— Joe, eu preciso que me ajude. Não sei o que fazer. Não sei nem como eu fui ficar grávida! – Ainda na porta do meu apartamento, sem entrar, ela se exaltou levantando os braços após sua afirmação.

— Eu posso explicar como os bebês são fabricados, caso...

Então seu olhar suplicante se tornou chamas de pura raiva.

— Acha que não sei como a criança veio parar aqui? Inclusive, fizemos por diversas vezes o ritual de fabricação de crianças durante nosso relacionamento.

Não queria que minha mente voasse, mas eu era um homem jovem, com os hormônios borbulhando... Então minha mente voou.

Me levou às noites quentes que passamos juntos em meio a juras de amor eterno em cada ato de consumação do que sentíamos um pelo outro. Precisei balançar a cabeça para desanuviar os pensamentos impuros. Não era o momento adequado.

— Entre, Mari. Vamos conversar melhor.

Dei espaço para que ela entrasse e ela o fez. Mariana não era o tipo de mulher subserviente nem tola, ela sabia o que queria e conseguia, na maioria das vezes. Não é do tipo que manipula ninguém, seu coração é bondoso e generoso, mas tem um gênio forte, que quase ninguém consegue bater de frente.

Essas eram as características que me faziam suspirar ao tê-la. Eu

admirava aquela mulher forte, poderosa, dona de si e de seus ideais, que ainda assim conseguia me dar carinho, afagos e me tratar como um rei sem que eu pedisse.

Era uma maravilhosa namorada.

Era.

Tranquei a porta e andei até a poltrona que fica em frente ao sofá onde Mari estava sentada. Suas mãos seguravam a cabeça que pendia para baixo em sinal de total desespero. Queria abraçá-la, mas não sabia se seria bom.

— Como descobriu? Me conta tudo, Mari.

Pedi e em resposta, ela levantou sua cabeça voltando seu olhar ao meu. Suas íris esverdeadas com pitadas castanhas tremiam com o prelúdio de mais mar revolto.

— Minha menstruação não desceu. Estou dez dias atrasada. Fiz o teste caseiro ontem, deu positivo, mas hoje pela manhã fiz o de sangue e uma ultrassonografia que indicou gestação de aproximadamente sete semanas. Eu nunca tive relações sexuais com ninguém, você sabe, Joe. Você sempre foi o único.

Então suas lágrimas despencaram e ela envolveu a si mesma com os braços, permitindo que aquele momento fosse o melhor para revelar seus conflitos internos.

Eu conhecia Mariana muito bem. Sabia que ela precisava chorar. Depois eu estaria ali, bem ao lado como sempre estive, pronto para enxugar sua lágrima.



Longos minutos depois do desabafo da minha ex—noiva, eu fiz o que qualquer homem na minha situação faria. Apoiei e a abracei.

Não deixaria Mari daquele jeito, sem meu amparo e meu carinho. Se teríamos um filho mesmo, eu seria o melhor pai que a criança pode ter.

Mas lá no fundo, a desconfiança nascia. Pensamentos duvidosos sobre o fato de Mariana jamais ter estado com outro homem tentava me desnortear.

Isso me levou até cinco semanas atrás, quando minha campainha tocou no dia após Mari ter terminado comigo.

— *Jussara?*

A morena com cabelos encaracolados sorriu, mas o sorriso não chegou aos olhos.

— *Hã... Desculpe invadir assim seu apartamento. Sabe que moro aqui no prédio também e...*

Jussara era amiga de faculdade de Mariana. Eu nunca simpatizei muito com as colegas acadêmicas dela, pois Mari com sua ingenuidade sempre conseguia ser feita de boba. Mas a visita da moça me intrigou.

— *Mari não está aqui. Se veio procurar por ela – tratei de esclarecer. Não precisava dizer que tinha levado um pé na bunda.*

Ela cruzou os braços e trocou o peso do corpo entre os pés encarando o teto. Estava ficando estranho tudo aquilo.

— *Joseph, sei que não o conheço muito bem, mas acho que você precisa saber de uma coisa. – me fitou com intensidade e despejou sua verdade. – Eu vi Mariana de braços dados com um cara na faculdade hoje.*

Suguei o ar na velocidade que conseguia, mas poucas partículas

foram inspiradas. A informação bateu em meu peito como um soco.

— Terminamos.

A morena tentou não sorrir, mas o canto de seu lábio se curvou instintivamente. Por que estaria feliz?

Não queria me preocupar com nada, apenas o impacto da informação dada por ela. Mari tinha um outro homem. Bem debaixo do meu nariz.

— Ah, não sabia. Desculpe. – Acenou e virou o corpo. – Err, vou indo. Tchau.

Retornei das lembranças para a cena atual, onde eu decidia assumir aquele bebê com a mulher que sempre amei, apesar de não encontrar o mesmo sentimento com tanta facilidade em meu peito.

Eu me casaria com Mariana, daria a ela a melhor vida possível e faria de tudo para que fosse feliz ao meu lado.

E sobre o amor e a confiança... Com o tempo eles retornariam com força.

Era nisso que eu depositava as esperanças.



Uma semana depois da notícia da gravidez, Mari já estava melhor, assimilando com naturalidade sua nova realidade. Fomos juntos pela manhã daquela segunda-feira realizar alguns exames de rotina e agendar a consulta do seu pré-natal. Ela demorou alguns dias para decidir que faria de tudo para ser a melhor mãe que possa existir.

Eu admirei sua determinação.

— Olha, Joe, ainda é um grãozinho de feijão. – Mari me mostrou a imagem da ultrassonografia que tinha feito antes de me contar a notícia da gravidez. – Que fantástico saber que algo tão pequeno pode se tornar um ser humano, não é?

Estávamos no elevador do meu prédio. Eu não tinha serviço agendado para aquele dia então decidimos ir para minha casa, planejar nosso futuro.

— Sim, é mesmo incrível.

Não queria perguntar a ela se realmente não andou transando com alguém além de mim. Mas a curiosidade estava me matando.

Ela sorria como uma criança para a imagem monocromática borrada e eu só conseguia pensar em “será que fui traído mesmo”? Fui o trouxa que

aceitaria ser pai de primeira, por isso ela voltou pra mim?

Afastei qualquer pensamento maldoso e assim que o elevador chegou ao meu andar, caminhamos juntos até meu apartamento. Mariana tinha seu jeito todo “Mari” de invadir meu espaço. Ela jogava sua bolsa em meu sofá e colocava seus sapatos detrás da minha porta, fazendo de sapateira. Em seguida seguia logo para a cozinha e abria a geladeira com um sorriso enorme, perguntando sempre o que tinha de doce para comer.

E foi o que ela fez, como sempre, naquele dia.

— Tem aquele creme de avelã que você gosta. — Apontei para o armário aéreo enquanto andava até meu quarto para trocar a roupa.

Deu tempo de ouvir “ah, que maravilha!”, antes de fechar a porta do quarto e me isolar completamente.

O que estava acontecendo comigo? Era para eu estar feliz, seria pai de uma criança perfeita, até então. Quem gestava meu filho era nada mais, nada menos que a mulher que sonhei ser minha esposa.

Era para estar tudo lindo, magnífico na minha mente.

Mas não estava.

A dor que senti quando recebi o golpe do nosso término ainda latejava em meu âmago. Bem no fundo, eu desejava não amá-la tanto, só assim não sentiria aquela dor novamente, somada com a notícia do dia seguinte.

Mas lá estávamos nós. Dois adultos, mesmo jovens. Eu com meus vinte e três e ela com seus vinte anos, prestes a serem pais de uma criança que nada tem a ver com nossos problemas.

— Joseph, Joseph... Esquece o passado, foca no futuro!

Falei comigo ao me encarar no espelho da minha parede. Troquei a roupa e vesti algo mais confortável, retornando para a sala em seguida.

Dei de cara com Mariana detonando o pote do creme sentada no sofá com as pernas apoiadas em um puff, selecionando algum filme na tevê.

A cascata ruiva que descia por seus ombros era minha maior fascinação nos tempos de escola. Quando nos conhecemos eu levava meu irmão mais novo todos os dias para a escola e ficava lá, vendo Mariana chegar com sua beleza radiante e iluminada, sorrindo para todos que a apresentassem com um sorriso também. Fiquei por muito tempo apenas observando—a de longe até finalmente conseguir adentrar em seu mundo.

Retornei de meus pensamentos quando me sentei ao seu lado e a abracei. Ela cabia em mim. Nos encaixávamos como peças projetadas para serem par. Aquilo me fascinava, ao passo que também me aterrorizava brutalmente.

— Eu estava pensando... — Ela começou a falar, ainda mexendo no controle remoto apontado para a televisão. — Queria que nosso filho nascesse na nossa cidade natal.

Virei meu rosto e a encarei firmemente. Ela não estava brincando.

— Faz um ano que estamos em São Paulo, Mari.

— *Amor*. Por que não me chama mais de “amor”?

Não sei se a intenção dela foi fugir do assunto, já que poderia ter percebido que não foi um bom tema para discutimos naquele momento, mas ela tocou num outro ponto bem polêmico.

Por que eu não a chamava mais de amor.

— Não sei... Estamos há tanto tempo longe... — tentei argumentar, mas Mari se afastou do meu abraço e cruzou seus braços virando de frente para mim.

Não queria abrir uma discussão sobre o que Jussara me revelara. Mari

estava grávida e não podia passar por fortes emoções.

— Não me ama mais?

Fechei os olhos e respirei fundo.

Hoje não, Mari. Essa pergunta não.

Mas ela insistiu.

— Diga, Joseph! Algumas semanas longe de mim já matou o seu amor? É isso?

Abri os olhos e ajustei a armação dos óculos, como um hábito. Ela faria de tudo para ter sua resposta. Eu podia sentir.

Quando a fitei, meu coração doeu. Mariana já chorava como uma criança e seu rosto demonstrava quão frágil ela estava naquele momento.

Me aproximei e toquei sua bochecha, enxugando a linha que duras lágrimas percorreram, enquanto disse:

— O tempo cura tudo, não é isso que ouvimos por aí? – Ela assentiu e fungou. – Ele estava tentando curar esse sentimento do meu coração... mas ainda restou algo. Só... Tenha paciência. Teremos a vida inteira para nos amar e amar essa criança que vamos ter juntos.

Então deposei um beijo casto em seus lábios, depois me afastei lentamente e inspirei seu aroma para que minha memória olfativa recordasse de como é ter Mariana Vilaza nos meus braços.

E eu lembrei.

Lembrei de como é bom sentir que alguém nos ama na mesma intensidade que nós. Como é bom se sentir em casa estando fora dela, quando na verdade sua casa é a pessoa que te acompanha.

Me lembrei de como eu a amei.

E aquilo me fez beijá-la novamente, torcendo para que até o nascimento de nosso filho, eu pudesse chamá-la de amor outra vez.



Três meses se passaram, junto com eles chegaram diversas emoções.

A nossa vida não costuma mudar tanto quando sabemos que um filho nosso chegará ao mundo. Me refiro aos homens. Mas ver o lado feminino da coisa de tão perto... Dá aquele receio. Uma sensação de “será que farei isso direito”?

Era o que eu sentia dia após dia nas oscilações de humor e tagarelices de Mariana.

A convenci a morar comigo até resolvermos se voltaríamos para o Rio de Janeiro ou não. A verdade era que alguns serviços precisavam da minha presença na oficina, e eles estavam em São Paulo. Não gosto de ser o patrão que só dá ordens, gosto de participar. Desde a escolha da placa de madeira, até a finalização do material, no imóvel do cliente.

Sempre gostei de produzir móveis planejados. Meu pai trabalhou para uma marcenaria praticamente a vida inteira e foi lá que aprendi tudo que sei. Mas não me contentei em ser apenas um funcionário. Eu queria mais.

Então assim nasceu a Mobile & Design.

Eu, com meus dezenove anos, dono de uma empresa? Quem diria.

Sem faculdade, sem tanto conhecimento, apenas vontade e força.

Em quatro anos a M&D já estava a nível nacional, e era meu maior orgulho.

Por outro lado, lá estava eu sendo um menino inexperiente e cheio de dúvidas, frente ao meu mais novo desafio: Ser pai e me casar com a mulher que me deu um pé na bunda.

Sobre meus sentimentos com relação à Mariana... Estão numa longa jornada. Tem dias que eu a quero como nunca, outros que desejaria nunca tê-la conhecido.

Coisas da vida.

— Então o papai do ano anda preferindo cortar madeira do que ficar agarrado na noiva?

Henrique, meu amigo e responsável contábil da empresa, indagou com sua costumeira ironia. Eu estava supervisionando a oficina e o chamei para conversar um pouco. Precisava que alguém me ouvisse.

— Não é isso, irmão. – pus as mãos nos bolsos frontais da calça social que vestia. – Estou num conflito interno que não me deixa.

Ali, naquele amplo galpão onde vários funcionários cortavam e separavam chapas de madeira nos maquinários da empresa, meu amigo deu um leve tapa nas minhas costas e em seguida encostou o ombro no meu, como um apoio silencioso.

— É difícil essa fase. A gente entende que pra mulher é pior. Elas passam pela transformação física, hormonal e tudo mais... Mas nossa cabeça fica um caos mesmo. É uma loucura.

Ele tinha experiência. Casou cedo e logo teve um filho.

— Isso passa? Sinto que ao mesmo tempo em que quero me aproximar da criança, estou me afastando. Mariana precisa de mim e eu sempre estou lá, por ela. Mas algo lá dentro me gera dúvidas.

— Acha que ela o traiu? Ou ficou com algum cara no tempo que

ficaram longe um do outro. É isso?

E quando o olhar dele me atinge em cheio, não consigo mentir. Ajusto a armação dos óculos que escorrega facilmente e assinto, mesmo ciente de que ele não sabia o que Jussara havia me contado.

— Medo de ter sido a opção mais fácil. Mari diz que me ama, que nunca quis me deixar mas era orgulhosa demais pra pedir pra voltar. Eu não sei se confio mais tanto nela como antes.

Henrique respirou fundo.

— Acho que esse é o momento.

Olhei adiante do galpão e preendi minha visão na fabricação dos móveis, apenas aguardando o que elealaria.

— Bryan não é meu filho.



O impacto que sua revelação me trouxe, fez com que eu desejasse voltar à minha sala refrigerada e tomasse muita água, pois me sentia com a garganta ressecada.

Como assim o filho dele não era filho dele?

— Luíza foi abusada pelo primo que veio da Bahia quando foi visitar sua tia. Eles moram numa cidade longe então eu a deixei lá para buscar no dia seguinte. O babaca a ameaçou e tudo, mas no fim das contas ela me disse e juntos passamos uma borracha na situação. O idiota já tinha voltado para a cidade dele e não queríamos denunciar para não causar um escândalo na família. A gente sabe que a justiça pra esses casos não beneficia as mulheres e minha Lu passaria por constrangimentos à toa. Eu soube que Bryan não era meu porque... Bem, eu sou branco e Luíza também. Bryan é moreno. O primo de Luíza tem a pele um tom mais escuro que Bryan. Só pode ser dele.

Ouvir aquele relato me deixou sem chão sob os pés. Como deve ter sido difícil para meu amigo assimilar tudo aquilo e ainda guardar segredo. Todos já tinham notado que o filho deles não parecia tanto fisicamente com os dois, mas há casos na genética que não podemos explicar. No entanto, para esse caso houve explicação.

Estávamos sentados, apenas separados pela mesa do escritório, senão provavelmente me sentiria tonto com a notícia. Henrique é como um irmão, meu melhor amigo. Saber que algo tão cruel aconteceu com sua família doeu em mim.

— E como conseguiu... Amá-lo? – Encarei minhas mãos sobre a mesa, entrelaçando meus dedos numa mania nervosa. – Como digeriu isso?

Henrique relaxou no encosto da cadeira confortável e levou as mãos à nuca, numa pose descontraída.

— Não sei, meu caro. Eu apenas sou o pai daquela criança. Bryan é tudo para mim nesse mundo. Simples.

Fitei—o com intensidade e absorvi sua resposta curta e crua. Não havia segredos para os dilemas da vida. A gente apenas escolhe viver ou não.

Era uma escolha ser pai sem me importar se e com quantos homens Mariana possa ter se relacionado no tempo que estivemos longe.

Eu devia compreender e escolher o mais rápido possível.



Assim que cheguei em casa naquele começo de noite, pude sentir o aroma maravilhoso vindo da cozinha. Certamente Mari estava preparando algo que gosto bastante.

Caminhei até o balcão da cozinha americana e fiquei ali admirando a mulher que ainda era uma menina, tão linda com uma pequena protuberância sob a blusa justa e calça de moletom.

Ela cantarolava de lado, sem ainda notar minha presença por estar

com fones de ouvido sobre a cabeça. Ora rebolava, ora dava passinhos esquisitos em sua tentativa falha de dançar bem. Quando colocou uma travessa de vidro extremamente cheirosa no forno, virou na minha direção e se assustou ao perceber que eu a flagrara.

— Deus, Joe! – Gritou e retirou o fone. – Quase me mata de susto.

Sorri.

— O que está aprontando, hein? – questionei apontando para o forno de onde ela acabara de se afastar.

Mari fez uma feição de suspense e andou até mim, depois de deixar os panos de prato sobre o balcão. Deu a volta e se engalfinhou em meus braços como um bebê urso.

— Fiz aquela macarronada recheada de frango ao molho branco que você ama. – murmurou, dengosa.

Segurei em seus ombros e a fiz me encarar fixamente.

— Não acredito! Sério? – indaguei maravilhado. – Você é a melhor. Simplesmente!

Depositei um beijo em sua testa e a abracei, deslizando minhas mãos sobre suas costas lentamente, recebendo também seu afago gentil.

Inspirei seu cheiro de banho recém tomado e tudo que Henrique me disse mais cedo veio em mente. Mariana estava se esforçando para que nosso relacionamento voltasse a ser como antes e eu a admirava muito por isso. Mas...

— Me beija, Joe. – Ela levantou o rosto e pediu com ternura. – Vai demorar até ficar pronto no forno. Vamos fazer amor?

Foram poucas as vezes que não me segurei e fizemos sexo depois de termos voltado. Queria esperar o casamento, mesmo sendo um tanto sem

sentido, uma vez que teríamos um filho e isso já denota que tínhamos uma relação sexual frequente.

— Mari... Eu não me sinto disposto.

Lamentei.

Ela se entristeceu e se afastou de mim, abraçando a si mesma.

— Você não me deseja como antes. Não me ama mais. Estou grávida, não morta, Joseph!

Estava chateada. Só me chamava de Joseph durante nossas discussões.

Cocei a nuca e depois ajustei a armação dos óculos. Queria argumentar, mas o que poderia dizer?

— Viu? Não consegue nem me contestar. Deus do céu, será que não consegue entender que eu nunca quis te deixar?

— Então por que deixou? Por que me magoou daquela forma, Mariana Vilaza? Por que fez com que eu passasse três anos ao seu lado se não queria casar comigo?

E num rompante, ela começou a chorar. Andava muito sensível.

— Eu sou nova demais, Joe! Minhas amigas da faculdade dizem que preciso aproveitar a vida primeiro e eu nunca quis casar tão cedo... Você me pressionou e...

— FORAM TRÊS ANOS, MARIANA! – me exaltei, e respirei fundo para retornar à calma. – Três anos te amando loucamente e devotando minha vida a você. Que amigas são essas que não querem sua felicidade? Eu não te fazia feliz? Diga?

Estávamos frente a frente, como num embate. Apenas separados por

poucos centímetros que não me permitiam aproximar facilmente.

— Sim. — Então ela chorou ainda mais e escondeu o rosto com as duas mãos. — Eu era a mulher mais feliz do mundo, Joe. Eu amo você, sempre amei. Não sei o que deu em mim e eu me arrependo, tá bom? — Elevou seu olhar ao meu, repleto de lágrimas. — Estava sendo orgulhosa demais pra pedir pra voltar. Quando descobri a gravidez foi como um sinal do céu de que eu e você deveríamos ficar juntos. Não esperava engravidar agora, mas isso nos reaproximou. Era o que eu mais queria, Joe. Seu amor de novo.

Suas palavras tão diretas e sinceras fizeram com que meu coração se aquecesse. Mas ali dentro uma raiz de dor ainda me recordava dos dias que passei em claro chorando pensando em como amar Mariana me feriu.

Fechei os olhos e senti uma lágrima descer. Não queria que fosse tão difícil.

Mari se aproximou e tocou meu rosto, enxugando minhas lágrimas.

— Eu... Eu vou esperar. Me perdoe, amor. Eu te peço perdão por quebrar seu coração do modo mais vil que existe. Fui egoísta e imatura, mas reconheço que não te mereço. Você é mais do que eu mereço e...

Abri os olhos e a impedi de continuar.

— Não diga isso.

Ela respirava fundo, seu peito subia e descia devido a intensidade do momento vivenciado e nossa proximidade fez com que os batimentos cardíacos de meu coração ficassem acelerados.

O amor ainda existia em mim. Era inegável. Mas então o quê me impedia de colocá-lo para fora?

— Você merece o melhor, Mari. Você sempre foi tudo o que pedi a Deus. Amiga, confidente, conselheira, compreensiva. Quem largaria sua

família para viver o sonho louco do namorado de abrir uma filial da empresa em São Paulo? Você fez isso, você transferiu sua faculdade, foi morar em uma república de garotas para que fizéssemos tudo certo perante Deus e sempre me deu apoio. Não diga que você não merece o melhor.

— Então por que não faz amor comigo? – sua voz estava trêmula.

Ela retirou a blusa, deixando os seios sem sutiã livres para minha visão contemplar.

Deus amado!

— Você está fragilizada, Mari. – balbuciei, sem tirar os olhos da visão de seu torso nu.

Droga, eu era um homem maduro. Não podia perder o controle assim, fácil.

— Eu quero você, Joe. Pra sempre.

E despiu—se do resto de roupa que havia sobrado, ficando totalmente nua.

Sem raciocinar ou dar ouvido aos meus conflitos internos, a segurei pela cintura, fazendo seu corpo se atrelar ao meu e juntos seguimos para o quarto, onde nos amamos intensamente até o barulho do forno soar.



Por muitas noites eu orei, pedindo a Deus que me orientasse no que eu poderia fazer e qual atitude tomar para curar aquela dor que angustiava meu peito.

Havia decidido amar. Decidi ser o pai que aquela criança precisa. O marido ideal para Mariana.

Fomos juntos ao pré-natal e ali saberíamos o sexo do bebê, enfim. Eu torcia que fosse um menino, mas Mari disse que amaria o que viesse. Ela estava deslumbrada com a ideia de ser mãe.

Quando enfim, após as orientações médicas, fomos para a sala de ultra, segurei a mão da minha noiva no instante em que a doutora pôs a examinar sua barriga com o pequeno volume.

— Humm... Por aqui está tudo certo. Vou registrar alguns dados e logo tentamos ver o sexo do bebê.

Ela comentou que estava tudo ok com a placenta, a quantidade de líquido e os órgãos vitais do bebê. Por fim, após os registros tradicionais que tinha que fazer, ela deslizou o pequeno aparelho pela barriga de Mari com delicadeza, até encontrar o que tanto gostaríamos de saber.

— Vocês podem olhar aqui, na tela.

Apontou para a tevê ao lado da maca onde Mari estava sentada comigo à tiracolo.

— Estou ansiosa. – Mari murmurou encarando a tela.

Depositei um beijo protetor sobre sua cabeça e mantive minha mão na sua.

— Aqui – apontou com o dedo. – Indica que serão pais de um lindo menino.

Isso!

Quis comemorar quando ouvi “menino”. Não que a ideia de ser pai de menina me incomodasse, mas eu realmente desejei com todo coração que fosse menino. Independente disso eu amaria, claro.

De imediato Mari arregalou os olhos ainda com o olhar fito à tela, porém eu quis olhá-la. Suas íris tremiam com a umidade presente. Ela estava com o olhar arregalado, fixo, atento ao que a médica dizia.

— Um menino – murmurou surpresa e logo me olhou. – É um menino, amor. Deus ouviu sua prece!

Seu sorriso seria capaz de iluminar o mundo, tamanha alegria refletida nele.

Acariciei seu rosto e sorri, beijando—a com carinho.

— Sim, princesa. Nosso menino.

Ficamos ali vivendo um momento único, que sempre recordaríamos.



Mari trancou a faculdade. Estava muito faltosa devido aos enjoos e pressão baixa, então preferiu trancar para concluir quando o bebê tivesse um aninho. Ela argumentou comigo, pois falei que ela poderia retornar mais cedo aos estudos, porém sua fala fora a seguinte:

— Se serei mãe, preciso fazer isso direito. O primeiro ano é o mais importante, não posso ser egoísta. A faculdade pode esperar.

Compreendi seu ponto e concordei, ao ver que minha menina estava amadurecendo com a maternidade. Mariana sempre soube o que queria, mas seus sonhos ainda eram rasos para a idade que tinha. Eu apoiava, sempre, mas via que a maturidade batia à porta dela vez ou outra, mostrando que havia mais. Um futuro brilhante à sua espera.

Saber que ela seria uma mãe maravilhosa para nosso bebê, fazia com que aquele sentimento intenso que sinto por ela, se externasse pouco a pouco. A cada mês o amor inflava mais. Eu estava conseguindo superar a ideia de ser traído ou trocado, havia conseguido superar a ideia também, de ter sido magoado brutalmente por ela.

Apesar de ainda doer.

Depois de sabermos o sexo de nosso bebê, ficamos em dúvidas sobre o nome que colocaríamos. Mari comprou um livro de significados dos nomes e eu achei interessante para que soubéssemos realmente a origem e a importância daquele nome.

A cada noite juntos, eu tocava seu ventre, sentindo o volume cada vez maior. Ela já estava com cinco meses de gestação e era como se o bebê já coubesse na palma da minha mão, dado o tamanho do abraço que eu dava nela. Encaixei minhas palmas sobre o forno quente onde meu filho morava e ali fiquei por longos minutos com o corpo de Mariana encaixado ao meu de

conchinha na cama.

Ali, naquela posição todos os dias, eu orava mentalmente.

“Deus, permita que eu o ame com tudo que há em mim. Permita que eu seja o melhor pai para ele e o melhor marido para Mari. Me ensina a lidar com minhas dúvidas e me fortaleça, pois não quero machucar o coração da minha mulher, mãe do meu filho.”

Mas havia dias que a conversa entre Jussara e eu vinha como flashes impedindo que eu subisse degraus de confiança no meu relacionamento com Mari, apesar dela jamais me dar indícios de que um dia fora de algum outro alguém.

Pelo contrário. Mariana agia com ainda mais paixão e entrega do que antes. Tudo que pensava, ela dizia para mim e era como uma cascata de águas cristalinas: transparente.

Até que uma dessas noites, eu tive um sonho.

Estava sentado no meu sofá, assistindo algum filme na televisão. A casa estava silenciosa e os móveis arrumados, organizados. De repente a porta do meu apartamento, localizada praticamente ao lado da tevê, se abriu, dando—me a visão de frente sobre o que acontecia ali.

Um homem que brilhava adentrou minha casa. Ele se sentia à vontade, como se fosse bem-vindo, ou como se eu já o tivesse visto por diversas vezes.

Esse homem andou até mim e sentou ao meu lado, encarou a tevê e ficou ali, me fazendo companhia.

Parecia meu amigo, mas não pude ver seu rosto pois a luz que irradiava dele fazia com que eu espremesse meus olhos, ajustando—me à iluminação.

— *Josué é um presente. – Ele disse.*

Fechei meus olhos e absorvi aquelas palavras com intensidade e força. Sua voz era suave, tranquila, mas o peso com que suas palavras vinham, preenchiavam meu coração.

— *Eu os escolhi. Eu os uni. Josué é meu presente. Um presente especial para vocês e para o mundo. Você e Mariana são os pais dele. O ame.*

E de repente, eu acordei.

Mariana não estava ao meu lado, mas eu sentia como se chamadas de amor inundassem meu coração.

Sim, eu tive um sonho revelador e aquilo encheu minha alma de alegria e felicidade.

Levantei e sem nem pensar em ir ao banheiro antes, andei a passos largos até a porta, para procurar Mari por onde ela estivesse.

Mas assim que percorri o corredor até a sala, ouvi vozes.

— Como assim, Ju? Ele não faria isso comigo! – Mariana parecia alterada.

Não quis ser fofoqueiro nem nada, mas preferi entender o que acontecia, antes de surgir em frente a minha noiva.

— Quando foi isso? – ela perguntava a alguém no telefone. – Mas nós vamos nos casar! Eu o amo e ele não me trairia assim dessa forma!

Então ouvi sua voz embargar e o choro vir com força.

Quem estava envenenando a cabeça da minha noiva com mentiras tão absurdas?!



Permiti que Mari me visse, quando avancei até a sala. Ela estava apoiada no balcão da cozinha americana e seus olhos verdes encontraram os meus.

— Depois a gente se fala. – Ela desligou a chamada.

Ainda de bermuda confortável e camiseta, cruzei meus braços e fiquei ali, no centro da sala sobre o tapete que Mari comprou, esperando ela explicar o que havia acontecido.

— Quem era? – Perguntei de forma despretensiosa.

Ela enxugou os olhos com os punhos, deu a volta no balcão e andou até mim.

— Joe. Não importa quem era, eu só quero que seja sincero comigo. – Tentou manter a firmeza no seu tom de voz, mas falhara. – Você ainda me ama? Quer mesmo estar comigo?

Sua cabeça elevada e seus olhos firmes, conectados aos meus, fez com que meus batimentos cardíacos se acelerassem de tal forma, gerando um sentimento imensurável de amor e cuidado em meu peito. Eu a queria. Eu a amava sim.

Toquei a pele alva de sua bochecha e a acariciei, antes de me aproximar mais e depositar um beijo sobre seus lábios cheios e avermelhados.

— Quem inventou que eu a traí? – perguntei. – Jamais, em toda a minha vida, sequer imaginei estar com outra mulher senão você, Mariana.

Rocei meu nariz no dela e inspirei seu perfume. Ela é perfeita. Como pude duvidar dela?

— Eu te amo tanto, Joe. Não sei o que seria de mim, caso você me traísse ou me largasse por aí e... Por favor, me diga que não estava por aí com ninguém. Ela disse que viu você com outra mulher no carro ontem e eu estava em casa o tempo todo. Quem era ela, Joe? – suplicou com o olhar mais puro demonstrando dependência, enquanto segurava firme em minha cintura. – Você não tem sido o mesmo desde que voltamos, há três meses. Não diz que me ama, apesar de ser sempre carinhoso e gentil. Anda sempre pensativo e às vezes estranho. Eu entendo que te magoei, mas... é tão difícil me amar de novo assim?

Suas palavras perfuraram meu peito, me fazendo sentir uma culpa dilacerante.

Ela não tinha me traído. Não tinha ficado com nenhum outro homem e ali eu tive total certeza.

Então me lembrei de como ela se referiu à pessoa na chamada. “Ju”.

Será?

— Eu ouvi você conversando com a pessoa no telefone. Me desculpe ser enxerido. Mas antes de esclarecermos qualquer coisa, eu preciso que saiba de algo.

A tomei pelas mãos e a trouxe até o sofá, fazendo com que

sentássemos lado a lado, com os corpos virados um para o outro.

— Antes de você me conhecer, eu já sabia que você existia. Já sentia, aqui dentro – aponte para meu peito –, que você era diferente. Especial.

Ajeitei a mecha ruiva que deslizou para frente de seu rosto, colocando detrás de sua orelha enquanto ela me fitava com um olhar ansioso por sua resposta.

— Mariana Vilaza, uma menina que chegava na escola sempre um pouquinho atrasada, mas nunca sem sorrir. Sorria para os colegas, para o porteiro, para quem passasse na rua. Seu sorriso tornava o dia das pessoas melhores e você nem sabia. Seu sorriso transformava meu dia melhor, e você nem sabia.

Ela levou a mão à boca, surpresa, e permitiu que finas lágrimas deslizassem de seu olhar.

Abanei a cabeça, sorrindo, me recordando. Depois continuei a contar, sempre com os olhos fixos nos dela.

— Eu era só o irmão mais velho de um aluno, que ficava alguns minutos a mais no carro esperando a ruiva sorridente chegar. Se meu dia começasse uma bosta, a partir daquele instante, ele mudava. Ali, Mariana, eu já amei você. Então fiquei pensando em como faria para que me notasse. Como, um garoto de dezenove anos, quase vinte, ainda pobre, com uma empresa recém criada, sem experiência amorosa que preste, conseguiria fisgar o coração da mulher mais linda que o mundo já viu? Então surgiu a ideia de seguir você quando foi embora, num dia que meu irmão faltou à escola. Descobri onde você morava e um dia fui lá, todo arrumado, oferecendo um serviço gratuito dos meus móveis para montar portfolio, dizendo que seus pais tinham sido indicados.

Mari começou a sorrir, e logo riu, deixando que o ambiente antes

tenso, fosse transformado por suas risadas genuínas e sempre cheias de luz. E logo me vi sorrindo também. Era inevitável não ser contagiado por ela.

— O que eu quero que você entenda, Mari. — Segurei seu rosto com delicadeza, me aproximei dela ainda mais e me segurei para não beijá-la antes de continuar a dizer o que queria. — É que não existe um mundo onde eu não te amo. Não há a mais ínfima possibilidade de existir essa realidade. O que houve aqui, na minha cabeça insegura e confusa, foi exatamente o que houve aí na sua hoje. O medo de alguém roubar o amor da minha vida. Cheguei a acreditar que você tinha dormido com outro homem e o bebê não pudesse ser meu, mas eu fui um idiota. Eu sou um idiota. Sem você eu fico assim, desnortado. — respirei fundo — Você é minha bússola, Mari. Com você eu tenho um rumo a seguir. Um futuro para sonhar. Uma vida para amar. E sim, quero que saiba que eu a amo e amo nosso filho. Amo nossa família e sempre, sempre vou amar.

Ela abaixou a cabeça e chorou. Chorou de soluçar e depois elevou seus olhos suplicantes e sinceros aos meus.

— Enquanto respirarmos? Como prometemos no início? — indagou.

Encostei minha testa na dela e entrelacei minhas mãos nas suas.

— Enquanto respirarmos, Mari. Para sempre.

E a beijei.

A beijei como nunca antes, nem mesmo quando consegui convencê-la a ser minha namorada, ou quando ela tinha me dito que me amava pela primeira vez. Aquele beijo foi diferente de tudo que já tínhamos vivido, e sua intensidade me trouxe paz.

Mariana se entregou com urgência e subiu em meu colo para dedicar-se às nossas carícias naquela manhã. Senti-la tão minha, tão deliciosamente

apaixonada, me fez interromper nossos beijos quentes para levá-la ao quarto.

Me pus de pé e a carreguei no colo, como um bebê, até a cama, e lá fizemos amor sem pensar em nenhum dos problemas ao redor.

Apenas pensamos em nós

E no nosso filho.



Mais tarde naquele mesmo dia estávamos conversando na sala sobre nosso retorno ao Rio de Janeiro, depois de termos esclarecido o mal entendido feito por Jussara.

Ela sempre teve inveja do relacionamento entre Mariana e eu, e com tudo que falei somado a ligação que minha noiva recebeu mais cedo, chegamos à conclusão de que aquela garota tinha sérios problemas. Mas para evitar desgosto, Mari apenas bloqueou a dita cuja no celular e nas redes sociais e eu a apoiei.

— Acho que podemos retornar já mês que vem, pois podemos nos ajustar até os nove meses e nosso bebê vem com a casa já pronta. Tudo arrumado.

Ela disse enquanto olhava uma revista de enxoval de bebês.

— Acredito que até mês que vem tudo estará pronto na filial daqui. Henrique vai tomar conta, passei a direção para ele. — aponte para o berço que ela havia visto naquele instante em uma página. — Nossa. Não sabia que existiam berços que viram cama quando o bebê cresce.

Ela sorriu e me olhou maravilhada.

— Obrigada por ser um pai tão participativo, meu amor. – acariciou meu rosto com delicadeza. – Mas sim, já existe há um bom tempo, só que para nós ainda é uma novidade, né.

E sorriu.

— Eu gosto de participar. Vou já agendar nossa mudança, tudo bem? Não precisamos levar nada daqui. Esse apartamento é meu mesmo então quando precisar estar por aqui já teremos um local.

Então me lembrei do sonho que acabei não contando a Mariana.

— Amor, já pensou em algum nome para ele? – lentamente retirei a revista da sua mão e coloquei do nosso lado oposto no sofá. Me aproximei mais dela e acariciei sua barriga. No momento em que deslizei minha mão sobre o bebê, senti um movimento. – Eita!

Mari arregalou os olhos.

— Joe, acho que ele mexeu quando você tocou aí. – apontou para um pouco abaixo do umbigo, onde eu tinha passado a mão. – Põe a mão de novo.

Foi o que eu fiz, totalmente empolgado por meu filho se agitar pela primeira vez quando o toco.

Abaixei e fiquei pertinho da barriga.

— Ei... Tudo bem aí dentro, bebê? – falei baixinho, acariciando.

Então aguardamos os dois em silêncio, mas não demorou muito para que o chutinho fosse notado novamente.

— Ele mexeu! – fitei Mari com os olhos esbugalhados, impactado. – Ele reagiu ao meu toque.

O sorriso no rosto de Mariana exalava satisfação e alegria. Era como se ela tivesse sonhado a vida inteira com aquele momento.

Como eu a amo!

— Sim, meu príncipe. Ele mexeu. Respondeu o seu papai.

Ela tocou sua mão sobre a minha e juntos ficamos ali, bobos e admirados com um ser tão pequeno, ainda em formação.

Levantei a cabeça, pois estava no nível da barriga de Mariana, e a encostei no ombro da minha noiva, exalando felicidade.

Ela acariciou meu cabelo e ali, sentados no sofá lado a lado vivenciando um momento especial nas nossas vidas, permanecemos em silêncio até ela perfurá-lo com a maior confirmação que eu precisava.

— Eu pensei em vários nomes, mas tem um que não sai da minha cabeça. Josué. O que acha? Significa “Deus é a salvação”, possuindo o mesmo significado de Jesus.

— É Josué. Nosso presente.



O hospital estava LOTADO.

Sim, todos os nossos familiares enchiam a sala de espera com balões, cestas, ursinhos, diversos presentes para Josué.

Mariana não conseguiu ter o parto normal como desejava, Josué não encaixava e os médicos não queriam arriscar esperar mais tempo. A cesárea foi a opção, fazendo com que eu ficasse aguardando ansioso ser chamado para entrar no centro cirúrgico a fim de acompanhar a mulher da minha vida.

Assim que adentrei a sala de cirurgia e passei pelos procedimentos padrão, lá estava eu ao lado da minha esposa – nos casamos um mês antes –, segurando sua mão.

— Estou aqui, meu amor. – Beijeí sua testa e ela sorriu.

— Logo nosso presente chegará. – Ela respondeu.

Os médicos em volta da mesa de cirurgia me pediram para afastar um pouco e ali começaram o parto. Minha mente se elevou a Deus em agradecimento, fazendo com que o momento fosse de confiança e fé, em vez de preocupação.

Tudo o que Deus projeta, acontece de modo perfeito.



Assim que Josué nasceu, acompanhei tudo que estavam fazendo com meu filho enquanto finalizavam a cirurgia em Mariana. Não conseguia entender tudo que os médicos e enfermeiros diziam, mas por um instante pensei que algo estivesse errado.

Mas tive certeza quando uma enfermeira se aproximou de mim e pediu:

— Pai, por favor, pode aguardar na sala de espera?

Meu coração gelou. Meu coração acelerou. Neguei, mas não fui atendido. Tive que sair de lá e deixar minha mulher um tanto tonta e meu filho recém-nascido sozinhos.

Os pais de Mariana aguardavam do lado de fora com a caravana dos familiares e meus pais também. Ambos casais vieram até mim. Todos queriam falar ao mesmo tempo, mas fui sucinto na resposta.

— Ela está bem. Nosso filho também. Agora é só esperar.

E foi o que fiz nas horas seguintes, até me permitirem ir ao quarto onde Mariana estava. Chegando lá, olhei ao redor e não vi nosso filho. Mariana estava deitada, ligada ao soro com um acesso intravenoso e descansava plenamente.

Me aproximei de seu corpo frágil e toquei sua testa.

— Você é uma vencedora. – Sussurrei. – Obrigada por dar à luz ao nosso presente.

Os olhos dela se abriram e encontraram os meus. Ela estava cansada,

um tanto abatida pela perda de sangue e exaustão, mas o sorriso brotou facilmente ao me ver.

— Te amo, príncipe. Te amo pra sempre.

— Eu também te amo, princesa.

Ela não podia levantara cabeça, nem o tronco devido à anestesia da cirurgia, então apenas ficou ali me olhando com ternura.

— Será que já vão trazer nosso bebê? – perguntou.

Como se ouvisse o que Mari falou, a enfermeira entrou no quarto e imediatamente olhei seus braços, mas estavam vazios. Ela não trouxera nosso filho.

— Olá, pai e mãe. – Ela proferiu calma enquanto se aproximou de nós. – Tenho notícias sobre o pequeno Josué. É esse o nome do bebê de vocês, não é?

Assenti e encarei os olhos de Mariana, exalando preocupação. Não era de praxe esse tipo de comportamento do hospital, era?

— Pode falar, enfermeira. – incentivei.

Ela elevou a prancheta que trouxe em sua mão e observou os papéis antes de explicar seu conteúdo.

— Fizemos alguns exames de sangue, para verificar o tipo sanguíneo do bebê, mas não o encontramos. Josué tem um tipo sanguíneo que não existe em nenhum lugar, por isso ainda estamos com ele, pegando amostras do sangue e vendo se foi algum erro de consulta. No entanto, gostaria de pedir que me informassem o tipo sanguíneo de vocês novamente.

— O meu é 0+ e o de Mari é AB+. – Respondi de imediato. – O que você quer dizer com tipo sanguíneo que não existe?

Ela pigarreou, visivelmente tentando disfarçar o incômodo que sentia pela notícia, mas respondeu.

— Não corresponde a nenhum fator RH ou RH—.



Naquele dia após alguns protestos de demora para entregar nosso filho à minha esposa, eles trouxeram o bebê saudável e forte para que mamasse em sua mãe. A criança já chorava de fome e eu me irritei profundamente com a equipe do hospital pela negligência.

Mas o fato do sangue do meu filho ser diferente foi novamente confirmado, assim como o fato de Mariana possuir ovário invalidado. Uma doença recém descoberta que pouquíssimas mulheres possuem. O ovário dela era como se fosse oco. Não produzia óvulos e sua condição era como passado da validade, metaforicamente falando. Mariana nunca poderia ter filhos.

Questionamos o fato dela sempre ir ao médico e todos os testes anteriores mencionarem que tudo estava bem, mas os médicos não compreenderam, apenas provaram mediante a uma ultrassonografia de última geração, que sim, ela não podia engravidar.

Mariana gerou em seu ventre um milagre.

Foram meses e meses de exames e testes laboratoriais para que compreendessem tudo que o sangue de Josué possui. Ele era extremamente saudável e mamava muito bem. Assim como seu sono, que sempre fora regulado. Josué é um bebê perfeito.

Mas um dia vivemos algo diferente, quando Josué já estava engatinhando aos oito meses de idade, Mari e eu brincávamos com ele no

chão sobre o tapete de letrinhas.

— Vem, filho! Vem pra mamãe!

Mari chamava de um lado, fazendo o bebê sorridente com apenas dois dentinhos, engatinhasse com vontade até ela.

Depois ela o posicionava virado ao contrário, dessa vez quem o chamava era eu.

— Vem para o papai, meu amor!

E assim treinávamos suas perninhas, até que num pequeno descuido quando Mari foi à cozinha e voltou, bateu numa estante fazendo com o que o inseticida caísse no chão e rolasse direto para as mãos de Josué, que instintivamente levou à boca antes mesmo que eu pudesse alcança—lo.

Ele colocou a boca logo no furo onde tinha restos de veneno, aquilo fez com que o levássemos logo para a emergência, com medo de perder nosso menino precioso.



Longos minutos se passaram até que, na sala de espera, o médico que atendeu nosso pequeno Josué veio nos dar notícias dele.

— Fizemos exames rigorosos, pais. Refizemos e fizemos novamente. Parece que o organismo do seu filho simplesmente exterminou qualquer veneno que pudesse adentrar. Ele está ainda mais saudável que antes.

A partir dali, foi que soubemos de verdade o grande propósito que estávamos envolvidos.

Josué tinha um tipo raro de sangue, um sangue celestial. Fora um presente de Deus para nossas vidas e sua vida traria cura para outras.

Foi o que aconteceu nos meses seguintes. Pequenas amostras colhidas do sangue de Josué foram usadas para administrar em alguns doentes em fases terminais, que concordaram em ser cobaias.

Simplesmente todos eles. Todos. Sem exceção. Foram curados.

Todos tiveram seu corpo restaurado e sua saúde recuperada.

Para isso que Deus nos enviou Josué, para mostrar seu amor pela humanidade e salvá-la.

Anos se passaram e meu filho ajudava ainda mais pessoas sendo uma criança já com oito anos de idade. Ele era educado, carismático, e tinha os mesmos olhos azuis que os meus.

— Pai, esse mês ainda não doamos sangue. Precisamos ajudar mais pessoas doentes, não acha?

Estávamos sentados à beira da praia num pôr do sol de verão. Mari estava gestante da nossa segunda filha, Aurora. Ninguém entendeu como uma mulher com ovários inúteis engravidou duas vezes, mas já estávamos acostumados a explicar tudo com apenas uma palavra.

Milagre.

Apesar de Josué ser apenas uma criança, ele doava sangue em quantidades menores que um adulto e sempre era monitorado pelos melhores médicos.

— Sim, filho. Vamos esse mês ajudar mais pessoas doentes. Essa é a sua missão.

Ele sorriu, ao meu lado, e envolveu seu braço na minha cintura, se aproximando. Mariana também o abraçou.

— Te amo, pai. Sou filho de um cara incrível. – ele disse, encarando o horizonte.

Eu sorri e parei de olhar meu filho e esposa para encarar também o horizonte.

— Te amo filho. Sou pai de um milagre.

— E eu a mulher mais sortuda dessa Terra.

FIM



JA meu Pai do céu, meu amado senhor que sempre me escuta, me ampara, me ama.

Obrigada Deus por me ajudar em mais uma obra. Por estar do meu lado me dando forças para prosseguir, amor e paixão pelas ideias mirabolantes e por cuidar de mim.

Agradeço ao meu marido e meus filhos. Sem vocês simplesmente nem sei o que seria de mim. Amo vocês.

Agradeço a Poliana Cunha, minha assessora, beta reader, amiga, confidente, conselheira e muito mais. Você vale mais que ouro, sabe disso, não sabe?

Agradeço às amigas da Panela das Letras, do MLN, e as amigas da coleção amores sagrados: Ana Caroline, Amberly Bertucci e Juju Figueiredo.

Alguns agradecimentos especiais a amigas escritoras que SEMPRE me dão apoio:

Mari Sales, Stella Barbosa, Christine King, Pry Oliver e Luana Lazzaris. Amo vocês.

E a você, leitor. Sem você nenhuma letra aqui valeria a pena.

Obrigada!

A.G. Moore



Último lançado na amazona:

[MALCOLM: e a esposa comprada](#)

RISE - LIVRO 1 - LEIA A NOTA DA AUTORA NO COMEÇO DO LIVRO.

“Se você espera uma história de amor, dê meia volta. Essa é a minha história, e nela o amor nunca existiu.”

Malcolm Samuels comanda o planeta com suas mãos. Componente principal da família que governa o mundo, nasceu e foi criado para ter uma mente ágil e maquiavélica, onde fraqueza não tem vez e sentimentos não podem corrompê-lo. Rivka Rosenberg é a única filha do maior empresário que já existiu. Herdeira de uma fortuna imensurável, recebeu uma educação caseira, sem contatos externos, onde a sabedoria e a gentileza andam lado a lado. Um pacto une luz e escuridão. As regras não podem ser quebradas. O preço será seu sangue.

Dentro de um mundo de sombras, corrupção e perdição, Malcolm e Rivka descobrem que às vezes é melhor se permitir sentir, nem que seja uma

única vez.

CONTEÚDO MADURO - CONTÉM GATILHOS.

[Nosso Acordo.](#)

Até quando uma amizade pode chegar?

Camila e Miguel sempre foram amigos, mas um acordo chegou para provar que tudo poderia ser diferente num piscar de olhos.

Mais de um milhão de leituras na plataforma Amazon

Série Feelings:

Os livros de romance com drama que te farão suspirar, chorar e se apaixonar até a última linha lida!

[Inesquecível](#)

[Imensurável](#)

[Irrefreável](#)

[Indestrutível](#)

[Quatro amigos — Como tudo começou \(conto spin-off\)](#)

[Teorias sobre o amor \(conto spin-off\)](#)

Outros livros e contos:

[Chamada do amor](#)

Aposta — Além do limite

Novo Nascimento

Acende a luz?

O diário de uma recém-milionária

Minha Sapatilha Mágica

Meu CEO ALugado